

**(Re)pensando as mulheres na História a partir da literatura medieval: As representações das rainhas da Antiguidade sob o olhar de Christine de Pizan em *A Cidade das Damas* (1405)**

*(Re)thinking women in History from medieval literature: Representations of the Queens of Antiquity under the gaze of Christine de Pizan in “The Book of the City of Ladies” (1405)*

Joseane Passos Ferreira<sup>1</sup>, UFRRJ

**Resumo**

Christine de Pizan (1364-1429) é uma das primeiras mulheres a viver de seus escritos. Dentre eles, a obra *A Cidade das Damas* (1405) é uma grande referência. Nesta Pizan constrói uma alegoria no formato de cidade-refúgio, fazendo uso da história de grandes mulheres. Ao longo da obra, a escritora faz uso das representações de rainhas e imperatrizes lendárias da Antiguidade. O presente artigo propõe uma reflexão sobre esses usos e escolhas por Pizan. Fazendo uso do conceito de *queenship*, em paralelo com o Gênero, analisamos as características e funções que a escritora medieval atribui a elas. Também utilizamos da História Global para questionar os limites e conexões entre medieval e Antiguidade. Visamos observar como as rainhas e imperatrizes da Antiguidade, citadas, trazem uma nova perspectiva de agência feminina para pensarmos a História.

**Palavras-chave:** Christine de Pizan; *Queenship*; Relações de Poder; Autoridade Feminina.

**Abstract**

Christine de Pizan (1364-1429) is one of the first women to live from her writings. Among his writings, the work *The Book of the City of Ladies* (1405) is a great reference. In this, Pizan builds an allegory in the form of a city-refuge, making use of the story of great women. Throughout the work, the writer makes use of the representations of queens and legendary empresses of Antiquity. This article proposes a reflection on these uses and choices by Pizan. Making use of the concept of *queenship*, in parallel with Gender, we analyze the characteristics and functions that the medieval writer attributes to these women. We also use Global History to question the limits and connections between medieval and Antiquity. We aim to observe how the queens and empresses of Antiquity, mentioned, bring a new perspective of female agency to think about History.

**Keywords:** Christine de Pizan; *Queenship*; Power Relations; Female Authority.

**Introdução**

Como aponta Michelle Perrot (2005, p. 7-12), a historiografia, por muito tempo, silenciou as mulheres, destinando-as ao espaço privado e criando um imaginário de apagamento da sua participação em diversas esferas. Isto perdurou por muito tempo no ambiente acadêmico, com ênfase nos campos da História Antiga e Medieval – os pesquisadores detinham uma

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: jferreira1\_@hotmail.com

perspectiva eurocêntrica, suas temáticas não visavam os grupos e espaços marginalizados. Partimos da premissa de que a História se molda a partir das necessidades do tempo presente. E foi motivada pelas mudanças estruturais da sociedade do século XX que a historiografia agregou novas formas de compreender a História. Essas conduziram pesquisadores a novas problemáticas, metodologias e conceitos, os quais compõem e revolucionam o ofício do historiador de todas as áreas, todos os dias.

Neste artigo, propomos uma interseção entre os campos da História Antiga e Medieval, por isso, consideramos prudente contextualizar o momento em que a academia abriu espaço para o resgate da participação feminina na História. As primeiras grandes pesquisas surgem através da corrente História das Mulheres, a partir da década de 1960, motivada pelos os movimentos feministas em ascensão (SOIHET, 1997, p. 399-401). Porém, Susan Mosher Stuard (1992, p. 136-140) observa que na área de Estudos Medievais, grandes medievalistas lutaram por esse resgate antes mesmo da ascensão do campo de estudos, ainda no início do XX.<sup>2</sup> Em História Antiga, observamos o mesmo, entretanto, com um impulso dado pelos historiadores homens, que trazem esses novos debates.<sup>3</sup> Como na obra *The Women of the Caesars* (1911) de Guglielmo Ferrero, este porém, traz um discurso masculinizado e uma visão misógina dessa participação, fazendo uso de fontes masculinas para reiterar uma visão deturpada da participação feminina (AZEVEDO *et al*; 2019, p. 275). Esses primeiros passos de resgate dos papéis ativos das mulheres se deram de formas diferentes nos campos supracitados, concluímos, então, que o caminho de resgate destas na História foi longo e tortuoso. Os exemplos citados colocam-se como primeiros impulsos em suas áreas, empreendendo erros e acertos. Os estudos revisionistas e com novas propostas intensificam-se apenas na década de

---

<sup>2</sup> Alguns grandes nomes e trabalhos pioneiros que marcam o campo publicando sobre a participação feminina no medievo, como: Annie Abram, *Women Traders in Medieval London*, *The Economic Journal*, v. 26, 1916, p. 276–85; Marian Dale, *The London Silkworkers of the Fifteenth century*, *The Economic History Review*, v. 4, 1933, p. 324–35.; Sylvia L. Thrupp, *The Merchant Class of Medieval London, 1300-1500*, Chicago: U. of Chicago Press, 1948; Betty Bandel, *The English Chroniclers' Attitude Toward Women*, *Journal of the History of Ideas*, v. 16, 1955, p. 113-118.; Eileen Power, *Medieval Women*, Cambridge: U. of Cambridge Press, 1975. Nellie Neilson e Bertha Putnam também foram fundamentais nessa geração medievalista, ver: Hastings, M.; Kimball, E. . Two Distinguished Medievalists - Nellie Neilson and Bertha Putnam. *Journal of British Studies*, v. 18, 1979, p. 142–59.

<sup>3</sup> Os primeiros trabalhos no campo da História Antiga datam do final do século XIX e não detêm rigor acadêmico, como: Mary Hays, *Memoirs of Illustrious and Celebrated Women, of all ages and countries*. V. VI. Londres: Richard Phillips, 1803; Matilda Betham, *A Biographical Dictionary of the celebrated women of every age and country*. Londres: B. Crosby and CO, 1804; Sarah Josepha Hale. *Sketches of all distinguished women from the beginning till A.D. 1850*. New York: Harper and Brothers Publishers, 1853. A partir da década de 70, novos impulsos e trabalhos mais especializados surgem, como o de Sarah Pomeroy, *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1975. Homens contribuíram significativamente para o campo, como: J. P. Sullivan (ed.), *Women in Antiquity. Special issue of Arethusa*, v. 6, 1973. Kenneth J. Dover, *Greek Homosexuality*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1978.

1990, com a emergência dos Estudos de Gênero. Este propõe não apenas a reinterpretação de antigos temas, mas principalmente, conduzir os historiadores a adotarem novas abordagens sobre como compreender o masculino em paralelo com o feminino na História. Hoje, tanto a área de Antiga como de Medieval concentram-se em reinterpretações voltadas não apenas às mulheres, mas também a outros grupos e áreas geográficas que até então eram marginalizados pela academia.

O presente artigo tem como objetivo primordial inserir-se neste debate acerca do papel feminino ao longo da História. Concentramo-nos na escritora medieval Christine de Pizan, repensando uma de suas maiores obras, *A Cidade das Damas*, e como as rainhas e imperatrizes da Antiguidade são representadas nesta. A análise, portanto, propõe um diálogo entre o Gênero e a História Global, refletindo então, sobre os usos da figura feminina na obra e como Pizan não se deteve em selecionar apenas exemplos de mulheres ocidentais. Em síntese, rompendo, de certo modo, com uma barreira espacial entre Ocidente e Oriente, isso enquanto escreve no século XV – perspectiva que a historiografia demorou para executar.

Para tanto, dividimos o artigo em quatro partes. Na primeira, contextualizamos e resgatamos a escritora Christine de Pizan, sinalizando importantes aspectos de sua trajetória no campo das letras. Na segunda, apresentamos a obra *A Cidade das Damas* (1405), assim como as conexões com o movimento humanista – de resgate a uma suposta glória da Antiguidade. Na terceira, realizamos uma breve explanação sobre os conceitos e linhas teóricas que seguimos. E por fim, realizamos uma reinterpretação da obra, fazendo uso do conceito de *queenship* para compreender as representações do conjunto de mulheres citadas e o quanto essas rompem com a construção social que temos sobre a agência feminina na Antiguidade – neste caso, a falta dessa agência.

### **Quem foi Christine de Pizan?**

Christine de Pizan vem de uma família de origem italiana e provavelmente nasceu em Veneza, por volta de 1364 (WILLARD, 1984, p. 16). Ainda em sua infância, a família Pizan muda-se para Paris, onde o pai – Thomas de Pizan<sup>4</sup> – é convidado pelo rei Carlos V (1338-1380) para residir e ser o astrônomo da corte. A infância de Christine neste ambiente cortesão é marcada por um grande enriquecimento e trocas culturais, onde sua educação floresce seguindo os moldes da nobreza francesa.

---

<sup>4</sup> Na grafia italiana o nome do pai da escritora é Tomasso di Benvenuto Pisano. Para nos referirmos a Christine neste artigo, faremos uso da grafia em português, a qual aparece tanto como Christine de Pizan – adaptada do francês e inglês –, como Cristina de Pisano – mais utilizado em Portugal.

Ao longo de algumas obras, Christine reafirma aspectos educacionais e de sua biografia,<sup>5</sup> para que o leitor a conheça e não perca de vista informações que ressaltam sempre a sua autoria, como nesta passagem em *A Cidade das Damas*<sup>6</sup>:

Ele [seu pai] se alegrava, ao contrário, sabes bem, em ver teu dom para as Letras. A opinião feminina de tua mãe, que queria te ver ocupada com agulha e linha, a atividade costumeira para as mulheres, durante tua infância foi, o obstáculo maior aos teus estudos e ao aprofundamento de teu saber científico. (PIZAN, 2012, p. 226-227).

Aqui, observamos que a escritora se propõe a relatar que foi por intervenção de seu pai que foi educada com tanto vigor, e que este lhe apresentou aos estudos dos clássicos, guiando-a em seu letramento. Curioso observar a resistência de sua mãe, a qual, compreendia que Christine deveria se dedicar aos afazeres domésticos. Tal resistência era comum, devemos recordar que a escritora estava inserida em uma sociedade patriarcal, onde a mulher deveria deter o conhecimento do lar. E com o apoio do pai, Pizan rompe com essa cultura, indo além do parâmetro feminino de conhecimento. Apesar de não advir de linhagem nobre em títulos, faz-se necessário ressaltar que a escritora tinha privilégios, e que sua educação foi um deles. Assim, subverte as expectativas geradas pela mãe ao dedicar-se às oportunidades educacionais e alcançar um objetivo profissional, ainda que, inserida em uma sociedade marcada pelas assimetrias entre os gêneros. Christine de Pizan foge do papel social destinado a ela, uma mulher da esfera privada, a qual, deveria permanecer intacta nela. Pelo contrário, apresenta-se como exemplo de intelectualidade no período, rompendo com o estigma de que a mulher medieval não era letrada ou não participava ativamente dos espaços públicos.

Por volta de seus quinze anos, Christine foi apresentada ao jovem Étienne Castel, secretário real da corte do rei Carlos V, com quem se casa e continua sendo incentivada a seguir com seus estudos. A carreira de Pizan como escritora profissional tem seu impulso de forma trágica. A partir da morte do pai e, em seguida, do marido – devido a uma epidemia em Beauvais durante uma viagem real (WILLARD, 1984, p. 39), depara-se com a condição de viúva. Tendo filhos pequenos e sua mãe para cuidar, Christine torna-se a chefe da família, assumindo alguns dos problemas financeiros deixados pelo pai e cônjuge, e a posição de autoridade dentro de seu lar. Para conseguir sustentá-los, Pizan opta por profissionalizar sua escrita (MARGOLIS, 1968, p. 362), demonstrando, assim, uma subversão ao papel esperado de uma viúva no medievo –

<sup>5</sup> Em obras como *Les cent ballades* (1399), *La mutacion de Fortune* (1403), *Les fais et bonnes meurs du sage roy Charles V* (1404) e *L'Avision Christine* (1405) é possível resgatar esses resquícios de sua biografia.

<sup>6</sup> A versão da fonte que foi utilizada para o estudo, e citada aqui, é a traduzida para o português (Brasil) por Luciana E. de F. Calado Deplagne, publicada em 2012 pela Editora Mulheres.

que seria casar-se novamente. Paulatinamente Christine constrói sua carreira – mantendo seu nome de solteira –, iniciando oficialmente em 1399 com a propagação das obras de caráter lírico *Livre des cent balades* e *Épître au Dieu d’amour*. Em 1401 adentra ao *Debate do Romance da Rosa* – ou *Querelle de la Rose* – a fim de realizar uma defesa do sexo feminino, impondo-se contra as obras de cunho misógino, em especial o *Romance da Rosa*. Escrita no século XIII por Guilherme de Lorris e Jean de Meung respectivamente, em intervalos de tempo de quarentas anos. As duas partes da alegoria são completamente opostas, e Christine se coloca contra parte escrita por Meung. Esta querela foi fundamental para a perpetuação de sua autoridade como uma profissional das letras.<sup>7</sup> Propagando seu nome como um marco da literatura medieval e da escrita feminina, propiciando a ela, esboçar uma longa lista de gêneros literários e diversas temáticas ao longo da carreira.<sup>8</sup>

### **Influências renascentistas e *A Cidade das Damas* (1405)**

A partir da leitura das obras de Pizan podemos perceber a influência dos clássicos humanistas que a escritora vinha estudando desde a infância com o pai e depois com o marido. Há, por exemplo, o uso recorrente de Boécio, Santo Agostinho, Aristóteles, Cícero dentre outros. Pizan também realizou pontes com nomes do humanismo italiano contemporâneo a ela, como Dante Alighieri, Francesco Petrarca e Giovanni Boccaccio (LEITE, 2008, p. 119). O diferencial da escritora consiste não apenas no diálogo com os clássicos, como também em opor-se a eles, como o fez em o *Debate do Romance da Rosa*. Em estudo recente, Ana Rieger Schmidt (2021, p. 258) também aponta que Christine faz referências a humanistas ligados aos círculos de *cour amoureuse* francês,<sup>9</sup> como Eustache Deschamps, Guillaume de Tignoville, *etc.* Isso demonstra a erudição da escritora, além de corroborar com a hipótese de que ela estava inserida nessa cultura humanista emergente na Europa, em especial na região francesa, entre os séculos XIV e XV. O uso da cultura greco-romana é uma artifício fundamental em suas reflexões. Apesar de não seguir à risca os moldes universitários empregados pelos grupos humanistas emergente, as conexões que Pizan realizou da cultura em formação eram perceptíveis e devem ser valorizadas em sua escrita.

---

<sup>7</sup> Para compreender melhor como se perpetuou a autoridade intelectual de Pizan a partir da *Querelle*, ver: FERREIRA; SILVA, 2022.

<sup>8</sup> Para conhecer todas as obras de Pizan, em formato alfabético, ver: TARNOWSKI, 2018, p. 8-15.

<sup>9</sup> Como sintetiza Schmidt, *cour amoureuse* é um dos círculos literários emergentes em Paris na virada do século XIV, este foi criado pelo rei Carlos VI e seu objetivo era reunir grandes homens das letras – laicos ou não – para debater as temáticas do amor cortês e cavaleirismo (SCHMIDT, 2021, p. 250).

Dentre sua extensa lista de obras, localizamos *A Cidade das Damas* (1405). Em síntese, uma alegoria narrativa, onde Christine constrói uma cidade-refúgio. Seu objetivo consiste no bem-estar feminino, sendo este um espaço idealizado para que as mulheres possam viver seguras e desenvolver-se intelectualmente, fugindo da sociedade misógina e patriarcal que as cercavam. A alegoria consiste não apenas na construção metafórica da cidade – onde faz uso da história de conjuntos de grandes mulheres da Antiguidade, santas e nobres contemporâneas a ela –, mas também na evocação das três damas celestiais que guiam a construção da cidade, sendo elas: Razão, Justiça e Retidão (PINTAR, 2021, p. 32). Ao todo, a obra compreende três livros onde cada dama auxilia em uma etapa, indo da sedimentação dos alicerces da cidade ao povoamento da mesma. Os materiais que compõem esse refúgio são justamente as histórias dessas mulheres, onde Christine – através das damas – ressalta as virtudes das selecionadas. Dentre as mulheres da Antiguidade que aparecem podemos destacar: a filósofa Safo, exaltada pela sua inteligência; Agripina, por sua fidelidade ao marido; as Amazonas pela destreza com as armas e muitas outras. Apesar de escrever no baixo medievo, o resgate que Christine empreende dessas mulheres lendárias auxilia na sedimentação de um novo modelo de representação feminina.

Susan Groag Bell (1976, p. 174) observa que os humanistas italianos recorriam às mulheres da Antiguidade – em especial às gregas e romanas – pois enxergavam nelas uma virtuosidade passiva. Assim, Bell entende que o objetivo desses autores era que a mulher medieval permanecesse nesta esfera de neutralidade perante a sociedade. Mesmo fazendo uso recorrente de autores humanistas nesta e outras obras – em especial Boccaccio e Virgílio –, Luciana Deplagne (2013, p. 125) compreende que Christine foge da narrativa de inferioridade empregada por esses autores. A escritora reverte a representação dessas mulheres ao longo da construção de sua narrativa e, aqui, pretendemos analisar como ela o faz com as rainhas e imperatrizes da Antiguidade, ressaltando suas características e virtudes sob uma nova percepção.

### **Entre conexões e diálogos: Gênero, *Queenship* e História Global**

O campo Estudos de Gênero emergente na década de 1980 deriva-se da História das Mulheres, trazendo uma base teórica mais sedimentada e o Gênero como uma categoria analítica. Esta, primeiramente, propõe ao historiador uma nova perspectiva para compreender as relações entre o feminino e masculino. Ou seja, ao fazermos uso da categoria, estamos nos propondo a refletir sobre os processos e agências históricas entre ambos os sexos (SCOTT,

1995, p. 85). Entendemos, assim, que o homem não está isolado na História, há mulheres que participaram dos processos históricos, e que, ambos atuam em conjunto na sociedade. Pensando em sua aplicação nos Estudos Medievais, Andréia Frazão da Silva (2019) entende essa abordagem como uma articulação favorável, pois a categoria auxilia “na identificação de contradições, assimetrias e hierarquias” (SILVA, 2019, p. 14) no período. Portanto, o Gênero permite ao historiador ter uma visão mais dinâmica da História e seus atores sociais, em especial, do medievo.

Para realizarmos a análise aqui proposta, fez-se necessário criar uma ponte, combinando o Gênero com outro conceito específico para refletir especificamente sobre as rainhas: o *queenship*. O termo surge no mesmo período que o Gênero e, como aponta Teresa Earenfight (2017, p. 3), não é simples definir o que é *queenship*. Sendo o próprio termo compreendido tanto como campo de estudo, quanto como conceito metodológico. No geral, a proposta de utilizá-lo como conceito concentra-se em repensar a participação das rainhas na História, resgatando os papéis e funções a elas atribuídos. Compreendendo, dessa forma, que elas detinham autoridade e poder em sua sociedade, algo que foi, por vezes, mascarado pelas fontes oficiais ou simplesmente esquecido pela historiografia. Porém, os estudos vão muito além desta proposta inicial, isto porque as rainhas detêm diferentes formas de influência dependendo da cultura e período em que estão inseridas. Registros comprovam houveram rainhas no medievo que atuaram como pacificadoras, outras consortes e até mesmo regentes. Isto evidencia, a fluidez dos papéis protagonizados por mulheres como detentoras de autoridade.

Partindo dessa fluidez, o uso da História Global neste trabalho advém dessa proposta de quebrar com a visão eurocêntrica, e por vezes, fechada entre os estudos de Antiga e Medieval. Nessa busca de renovação geral, ambas áreas encontraram na História Global um caminho novo, com intrigantes possibilidades para os problemas de estagnação da historiografia (MORALES; SILVA, 2020, p. 141-142). Em síntese, a perspectiva Global questiona diretamente a historiografia tradicional, repensando as conexões entre sujeitos. Especialmente no que concerne a geografia e temporalidades cronológicas da História. Dos cuidados metodológicos que Marcelo Cândido da Silva (2020, p. 15) salienta ao se trabalhar com um período prévio à Globalização, a atenção volta-se não apenas para os espaços de conexão entre Eurásia e África, mas principalmente, para os grupos sociais que alcança. Partindo desta união teórica, buscaremos demonstrar que Christine de Pizan enxergava características de poder e subversão de papéis de conduta feminino nas rainhas da Antiguidade que citou na obra aqui

analisada. Para além disso, a escritora não se concentrou exclusivamente em colecionar exemplos no Ocidente, trazendo uma gama de conexões geográficas que pretendemos sinalizar.

### **As rainhas da Antiguidade sob a perspectiva do *Queenship***

Como já colocado, em *A Cidade das Damas*, Pizan faz uso da história de mais de cem grandes mulheres para a construção da cidade. Através da metáfora, a escritora brinca e resgata diferentes grupos de mulheres, como lendárias damas da Antiguidade, outras são nobres contemporâneas, e até mesmo santas. Christine remodela a história dessas mulheres, utilizando exemplos baseados nos clássicos humanistas, porém rompe com a passividade ou inferioridade que alguns escritores esboçavam nessas mulheres – o próprio Boccaccio é um exemplo, sua perspectiva dessas mulheres é diferente de Pizan.<sup>10</sup> Assim, a escritora constrói uma genealogia feminina que se encaixa perfeitamente no objetivo da obra: demonstrar que as mulheres são virtuosas e dotadas de inteligência, tal como os homens.

Ao longo do texto, faz uso de um conjunto de notáveis rainhas e imperatrizes<sup>11</sup>, mesclando características femininas com masculinas, criando, então, uma nova representação de algumas dessas mulheres. No Quadro I, mapeamos esse conjunto de rainhas na obra, ressaltando pontos para discussão:

Quadro I – Levantamento das rainhas e imperatrizes da Antiguidade na obra, ressaltando suas características e continente geográfico

<b>Rainhas e Imperatrizes</b>	<b>Características representativas</b>	<b>Localidade geográfica</b>
Imperatriz Nicole	Boa governante; inteligente; casta;	África
Rainha Semíramis	Boa governante; inteligente; guerreira;	Ásia
Rainhas Marpasia e Lampedo; Sinoppe; Tomíris; Oritia; Antiope; Pentesileia (Amazonas)	Boas governantes; inteligentes; guerreiras;	Europa
Rainha Écuba	Boa governante; inteligente; maternal;	Ásia
Rainha Zenóbia	Boa governante; inteligente; guerreira; casta;	Ásia
Rainha Artemísia	Boa governante; inteligente; guerreira; devotada ao marido;	Ásia
Rainha Berenice	Boa governante; inteligente; maternal; guerreira;	Ásia

<sup>10</sup> Em artigo anteriormente citado, Luciana Deplagne realiza uma análise comparativa entre a obra de Pizan, aqui estudada e de Boccaccio. Comparando como ambos tratam das guerreiras Amazonas em seus respectivos trabalhos, ver: DEPLAGNE, 2013, p. 115-136.

<sup>11</sup> Reiteramos que, o *queenship* é um conceito fluido. Assim, é possível consideramos as imperatrizes neste estudo, pois, em determinadas sociedades elas detêm poder e autoridade, tal como as rainhas. Nesta obra, Pizan atribui às imperatrizes citadas características de poder que consideramos plausíveis de análise.

Rainha Circe	Inteligente;	Europa
Rainha Ceres	Inteligente;	Europa
Rainha Ísis	Boa governante; inteligente;	Europa
Rainha Gaia Cecília	Boa governante; inteligente; devotada ao marido;	Europa
Rainha Dido	Boa governante; inteligente; devotada ao marido;	África
Rainha Opis	Inteligente; maternal;	Europa
Rainha Lavínia	Boa governante; inteligente; maternal;	Europa
Rainha de Sabá	Inteligente; profetiza;	Entre Ásia e África
Rainha Cassandra	Inteligente; profetiza;	Ásia
Imperatriz Antônia	Inteligente; profetiza;	Ásia
Rainha Dripertua	Boa governante; devotada ao pai;	Ásia
Rainha Isifile	Boa governante; inteligente; devotada ao pai;	Europa
Rainha Hipsicrate	Devotada ao marido; guerreira;	Ásia
Imperatriz Triária	Devotada ao marido; guerreira;	Europa
Rainha Esther	Inteligente; religiosa;	Ásia
Rainha Mariana	Casta;	Ásia
Rainha dos Gálatas	Casta; inteligente; guerreira;	Europa
Imperatriz Florença	Inteligente; devotada ao marido;	Europa
Rainha Jocasta	Maternal;	Europa
Rainha Helena (de Esparta)	Bonita;	Europa
Rainha Helena	Boa governante; religiosa;	Ásia

Fonte: quadro produzido pela autoria, analisando a obra *A Cidade das Damas* (1405).

Em boa parte dessas representações, Pizan apresenta essas mulheres como boas governantes, castas, devotadas à família e religiosas. Essas quatro características induzem à construção de um modelo de virtuosidade e feminilidade, o qual, Christine entendia que as mulheres precisavam seguir para tornarem-se valorosas perante a sociedade do baixo medievo. Entretanto, observamos que, aspectos como inteligência e espírito de guerreira chamam a atenção ao longo da obra por serem esses termos, no medievo, muitas vezes, utilizados para se referirem à conduta masculina. Por vezes, a história dessas rainhas aparecia em contraposição a grandes feitos masculinos, a fim de ressaltar uma nova perspectiva da conduta feminina. Como no caso da imperatriz Nicole, no livro, Christine cita as Sagradas Escrituras como fonte, pontuando que Nicole era herdeira de faraós e, que esta governou os reinos da Arábia, Etiópia e Egito – logo, uma grande extensão territorial, compreendendo parte dos continentes africano e asiático:

[...] diga-me se já existiu algum rei de saber maior, em matéria de ordem pública, de governo, de justiça, e mesmo em matéria de viver suntuosamente [...] Essa dama foi quem primeiro instaurou, em seu reino, a lei e a ordem públicas, destruindo e colocando fim nas maneiras de viver grosseiras [...] ela governava com prudência exemplar (PIZAN, 2012, p. 92-93).

Observamos que a boa governança feminina para Christine, está diretamente alinhada a leis e ordem pública. Tanto na Antiguidade, quanto no medievo, são os homens quem promulgam leis, sendo assim, uma característica relativa à masculinidade. Aqui, Pizan rompe com essa ideia, demonstrando que Nicole deve ser reverenciada por estar inserida dentro deste modelo de feminilidade e ao mesmo tempo, ser capaz de organizar o aparato jurídico do seu reino. A racionalidade da imperatriz está diretamente relacionada ao seu dom de boa governança, o que também corrobora com um dos objetivos de Pizan – reafirmar a mulher como um ser dotado de inteligência, tão capaz quanto o homem.

Outro caso que podemos citar como exemplo que corrobora esta hipótese é o da rainha Berenice da Capadócia. Esta, além de estar inserida dentro do modelo de conduta feminina que Pizan preza, também é colocada como maternal e guerreira. Em sua história, a rainha encontra-se viúva e seu cunhado declara guerra contra o reino, questionando o trono governado por ela, e subsequente, a sucessão de seus filhos. Durante a batalha, o tio mata dois filhos de Berenice e tal ato desperta o lado maternal e guerreiro da rainha:

Berenice sentiu tanta dor que sua ira afastou qualquer temor feminino. Ela pegou as armas e atacou seu cunhado, [...] a tal ponto que acabou matando-o com suas próprias mãos e, em seguida, passou seu carro sobre o corpo, vencendo a batalha. (PIZAN, 2012, p. 124-125).

Com a história dessa rainha, fica evidente as características masculinizadas que ela adota derivada de sua ira. A violência é um elemento comumente associado aos homens, porém, aqui, uma mulher dotada de virtuosidade faz uso da violência em paralelo com a maternidade. O assassinato do cunhado transcorreu-se em defesa dos filhos. Christine então, conduz a criação um novo modelo de conduta. Portanto, a escritora aqui rompe com a dualidade Maria e Eva, empregada pelos modelos de representações medievais sobre as mulheres (MACEDO, 2002, p. 65-66). Ou seja, Christine reverte a lógica de inferiorização e dualidade feminina, atribuindo valores masculinos e perpetuando um novo modelo de conduta – mesclando-o com as características tanto de masculinidade, quanto de feminilidade. E faz isto utilizando-se, em parte, dos exemplos de grandes figuras femininas de poder da Antiguidade, demonstrando que

as rainhas exerciam funções de poder em suas sociedades, eram dotadas de agência e atuavam em paralelo com os homens.

Ainda analisando a obra, podemos perceber como Christine molda essas representações a seu modo para perpetuar esse novo modelo de conduta. Como por exemplo, citamos o caso da rainha de Sabá. Na obra, esta foi introduzida pela escritora como “extraordinariamente inteligente” (PIZAN, 2012, p. 172) e profetiza – por prever, ao lado do rei Salomão, a tábua que seria transformada em cruz na crucificação de Jesus Cristo. Porém esse recorte da rainha é, de certo modo, reducionista de toda mitologia que seu nome envolve. Estudos e fontes mostram que a rainha aparece em quatro livros sagrados: a Bíblia, Torá, Alcorão e *Kebrá Negast* – livro sagrado etíope (SANTOS; GOMES, 2022, p. 30). Como aponta Maricel Mena López (2003), a inteligência da rainha de Sabá expressa nas fontes bíblicas vai além do conhecimento, englobando fundamentos sociais e habilidade de administração (LÓPEZ, 2003, p. 22). Ou seja, essa rainha era considerada uma grande figura de autoridade na África Antiga, algo que Pizan ignora para criar a representação da rainha legando-a a um papel de cunho religioso. Sendo esta, uma contraposição ao recorte feito na história da imperatriz Nicole e da rainha Berenice, por exemplo. A rainha de Sabá tem outra função ideológica na narrativa de Pizan: corroborar o elemento religioso. Concluimos, então, que algumas histórias deste conjunto de rainhas são colocadas de forma reduzida, enquanto outras, até mesmo exagerada. Tudo faz parte do objetivo ideológico da escritora, o qual, quer dar ênfase à participação feminina na História, compilando mitológicas mulheres na Antiguidade. Ao mesmo tempo que escreve em um período no qual necessita seguir modelos religiosos. Assim, as diferentes rainhas são engrandecidas sob diferentes perspectivas, sendo que quase todas as selecionadas detêm inteligência como característica principal.

Por fim, é interessante observar que Pizan não se limita a compor um conjunto de rainhas e imperatrizes apenas ocidentais. Ao todo, contabilizamos 28 rainhas no quadro disposto acima, destas, 15 estão geograficamente inseridas nas regiões da África ou Ásia, enquanto as demais 13, no continente compreendido hoje como Europa. Partindo destes números, levanta-se uma nova possibilidade de reflexão, onde podemos interpretar o medievo a partir das lentes de uma História Global e Conectada. Algumas rainhas e imperatrizes têm suas localidades geográficas sinalizadas especificamente, outras porém, supomos sua localização pelo continente em que são citadas por Christine na obra. Na realidade, pouco importa a precisão geográfica desse conjunto, o que torna válido para a ótica Global, refere-se a conexão e resgate de figuras de poder inseridas Oriente. O espaço que Pizan – uma escritora mulher na região francesa – abre para as

demais autoridades em outras localizações, revela as trocas intelectuais, linguísticas e geográficas entre os seres na Idade Média. Período por décadas compreendido como trevas e estagnação, a conexão cultural empreendida pela escritora em *A Cidade das Damas* rompe completamente com essa ideia, corroborando com a hipótese de uma História Global.

Contudente, ressaltar novamente as influências humanistas de Pizan, em especial, a tradição greco-romana. A mitologia faz-se presente na obra, em especial, no conjunto de rainhas e imperatrizes aqui estudadas. Entretanto, essa tradição no medievo traz rupturas e mesclas com outras culturas. Não é possível demarcar com precisão cronológica um único momento em que as trocas entre os seres que viviam na região europeia, asiática ou africana, passaram a influenciar a cultura, política e a sociedade de outrem. O que podemos afirmar é que isto aconteceu, a filosofia, arquitetura, e diversas mudanças transportaram-se da África para a Europa, e vice versa. Fundamentando, assim, a evolução dos grupos sociais e estabelecendo laços de conexão em diversas esferas. Dentre elas, a mitologia, artifícios e histórias mesclaram-se. Não é à toa que reconhecemos as mesmas figuras em diferentes lendas romanas ou gregas. Na obra que aqui analisamos, isso não se perde com algumas figuras de poder introduzidas por Pizan. Como no caso da rainha Ísis, que na realidade, pertence ao panteão egípcio, mas a escritora compreende como grega. Em uma perspectiva Global, independentemente de sua localização, Ísis é representada como uma rainha inteligente, que criou leis, ensinou a arte da escrita e jardinagem aos governados. Assim, a tradição greco-romana que Pizan faz uso não interfere diretamente na relação de poder e autoridade das rainhas e imperatrizes selecionadas. Isso porque, apesar das diferenças culturais que a deusa Ísis detém entre um local e outro – assim como outras mulheres utilizadas –, a escritora mantém uma relação de virtudes e poder intrínseca ao exemplo. Fazendo com que a representação de Ísis fosse relevante para a genealogia feminina que Pizan busca construir na obra, e tecendo pontes com diferentes culturas e localidades.

Assim, buscamos trazer à luz uma nova interpretação de *A Cidade das Damas* dando ênfase às rainhas e imperatrizes apresentadas por Pizan, e que foram de grande valor para a construção da cidade-refúgio. A escritora representou as governantes sob diferentes formas, evidenciando nelas virtudes tanto feminilizadas, quanto masculinizadas. Para nós, o valor mais relevante é a inteligência, pois está diretamente associado à noção de racionalidade, e ao objetivo central de Christine com essa obra – demonstrar com uma gama de exemplos, que as mulheres são seres que acresceram a humanidade, e para isso, precisam (e são) dotadas de racionalidade. Essas rainhas também foram caracterizadas como boas governantes, castas,

devotadas ao marido ou filhos. Tais virtudes reforçam um caráter de feminilidade, inerente aos modelos de conduta medievais. Pizan, entretanto, vai além ao reforçar que essas figuras eram dotadas de valor considerados masculinos, como o dom da guerra – que gera violência. Assim, a escritora delineia um novo modelo de conduta feminina. Ao mesmo tempo, em que comprova os diversos papéis e funções protagonizados pelas rainhas e imperatrizes da Antiguidade, reforçando o *queenship* delas e a ruptura com as hierarquias de gênero.

### Considerações finais

O caminho que percorremos até aqui teve o objetivo de verificar empiricamente como Christine de Pizan refletiu sobre as mulheres da Antiguidade – com destaque para rainhas e imperatrizes, as quais, neste artigo propomos analisar<sup>12</sup>. Buscamos apresentar quem foi essa escritora, e como suas obras sempre estiveram vinculadas à tradição cultural humanista – de resgate da glória e clássicos do período Antigo. Ao longo do artigo, propusemos trazer novas perspectivas de interpretação da História, fazendo uso dos conceitos de Gênero e *queenship*, dialogando brevemente com a concepção de História Global. Assim, esperamos que este estudo ajude a romper com algumas barreiras, indo contra a noção de uma historiografia estigmatizada e fechada. A partir da análise realizada, percebemos o quanto Christine transgrediu seu papel como mulher no baixo medievo. Representando as rainhas da Antiguidade com características que valorizavam suas agências, também trouxe um novo olhar para com as grandes mulheres do Oriente. Realizou uma relevante ponte entre Europa, Ásia e África, demonstrando como se deu o enriquecimento da cultura da Antiguidade no medievo e as conexões legadas da tradição greco-romana. Estas, por vezes, confundiam-se entre as mitologias de diferentes sociedades ao longo da História.

Concluimos assim que, Christine de Pizan foi além das nossas expectativas iniciais para com este estudo. Em *A Cidade das Damas*, a escritora ressignificou a representação de poder e autoridade não apenas desse conjunto de rainhas, como também de outras mulheres. Organizando uma genealogia feminina – baseada em *De Claris Mulieribus* de Boccaccio, mas não apenas – onde reestrutura a seu modo o modelo de conduta feminino, ressaltando virtudes e características até então vinculadas apenas aos homens – como a condição de guerreiro e a inteligência. Pizan atuou plenamente em prol da questão feminina, construiu para essas rainhas

---

<sup>12</sup> Relevante reiterar que, na obra Christine compila história de mulheres da Antiguidade e medievo, de diversas esferas sociais. Este artigo se concentrou apenas nas rainhas e imperatrizes que respondem cronologicamente ao período Antigo, entretanto, há uma gama de rainhas medievais que fazem parte da alegoria, e que não foram introduzidas neste estudo em específico.

e imperatrizes da Antiguidade um novo imaginário, eternizando-as em sua cidade como autoridades que sempre foram.

### Fonte utilizada

PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Trad.: Luciana E. de F. Calado. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012 [1405].

### Referências

BELL, Susan Groag. Christine de Pizan (1364-1430): Humanism and the Problem of a Studious Woman. **Feminist Studies**, v. 3, n. 3, p. 173-184, 1976.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de F. C. A reescrita do mito das amazonas na obra A Cidade das Damas de Christine de Pizan. **Anuário de Literatura**, v. 18, n. 1, p. 115-136, 2013.

EARENIGHT, Teresa. Medieval Queenship. **History Compass**, v. 15, p. 1-9, 2017.

FERREIRA, Joseane Passos; SILVA, Carolina Gual. Christine de Pizan e a construção da autoridade feminina na Querelle de la Rose. **Revista Mythos**, v. 16, n. 4, p. 26-46, 2022.

LEITE, Lucimara. Christine de Pizan e o seu projeto utópico. **MORUS – Utopia e Renascimento**, v. 13, p. 113-120, 2018.

LÓPEZ, Maricel Mena. A rainha de Sabá: uma proposta de reconstrução histórica da sabedoria feminina afro-ásiaica do século X a. C. . **Revista de Cultura Teológica**, v. 11, n. 42, p. 19-33, 2003.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MARGOLIS, Nadia. Christine de Pizan: The Poetess as Historian. **Journal of the History of Ideas**, v. 47, n. 3, p. 361-375, 1986.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad.: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PINTAR, Karla Cristiane. **Narrativa poética em Christine de Pizan: A inserção da poesia na prosa de autoria feminina do século XV**. 2021. 111p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2021.

RODRIGUES, Aline S.; LEITE, Diogo M.; GODOY, Fabrício S.; *et al.* História das Mulheres e Estudos de Gênero sobre a Antiguidade: historiografia e pesquisas. *In*: GUARINELLO, Norberto L.; SILVA, Uiran G. da; OLIVEIRA, Gustavo J. D.; PIZA, Pedro Luís de T. (orgs.). **Fronteiras Mediterrânicas: estudos em comemoração dos 10 anos da LIER-MA/USP**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, p. 271-304.

SANTOS, Domingos D.; GOMES, Guilherme A. . Kebra Nagast: Rainha de Sabá e o cristianismo na Etiópia. *In*: SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 10., 2022, Brasília. **Poder e autoridade feminina na idade média: Atas da X Semana de Estudos Medievais**. Brasília: Universidade de Brasília, 2022, p. 25-34.

SCHMIDT, Ana Rieger. Christine de Pizan e o humanismo francês: elemento para contextualização histórica. **doispontos**, v. 18, n. 1, p. 247-263, 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Trad.: Guaracira L. Louro. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Andréia Cristina L. Frazão da. Considerações sobre o uso da categoria gênero nos estudos sobre o medievo. **Signum**, v. 20, n. 2, p. 11-23, 2019.

SILVA, Marcelo Cândido da. Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. **Revista de História**, n. 179, p. 1-19, 2020.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. *In*: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 399-429.

STUARD, Susan Mosher. The Chase After Theory: Considering Medieval Women. **Gender & History**, v. 4, n. 2, p. 135-146, 1992.

WILLARD, Charity Canon. **Christine de Pizan**: her life and works. New York: Persea Books, 1984.